

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

CENTRO DE ESTUDOS GERAIS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

MESTRE CAMBUCI E O “SUMIÇO DA TAINHA”:

Uma nova imagem da praia de Itaipu

BRUNO LEIPNER MIBIELLI

NITERÓI

Fevereiro/2004

MESTRE CAMBUCI E O “SUMIÇO DA TAINHA”:

Uma nova imagem da praia de Itaipu

BRUNO LEIPNER MIBIELLI

Trabalho apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito para a obtenção do
grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Prof. Orientador: Roberto Kant de Lima.

Niterói

Fevereiro/2004

AGRADECIMENTOS

Pela co-autoria, não poderia de deixar de agradecer em primeiro lugar, a Cambuci que sempre mostrou paciência e educação na hora das minhas “conversas”, tornando possível através da nossa interlocução, a escrita desta monografia e a conclusão do meu curso. E também a sua “companha” Roni, Geraldino, Suca e Orlando. Muito obrigado!!!

Aos meus pais, Mônica e Marco, por sempre estarem do meu lado, em todos os momentos, principalmente nas situações difíceis, durante estes cinco anos de percalços. E a minhas irmãs Bianca e Joana que tiveram a paciência de me aturar e respeitar nos momentos finais da escrita desta monografia.

A Ana e Marina pelo apoio e sabedoria.

Um abraço aos colegas do NUFEP, que sempre estavam lá para dar uma força: Flavinha, Lucio, Lênio, Renatinha, Zé Biral, Robertinha, Tatiana, Sérgio, Eliane, Nígela, Fábio, Rodolfo, Helio, Sabrina, André e Delgado.

A meu professor e orientador, Roberto Kant de Lima, pelas críticas construtivas e por sua bela etnografia. Também as professoras Ana Mota e Tânia Stolze, que me acompanharam desde meu primeiro período, e por serem pessoas maravilhosas.

Para os grandes amigos que fiz no ICFH Pequeno, Samuca, Henrique e Farofa (mesmo distante). E para os parceiros de montanhas em Teresópolis Demitrius e Daniel, simplesmente por dividirmos junto várias cordadas.

Claro que não posso esquecer das minhas lindas amigas: Dina, Bebel, Aline, Jana, Liz, Denise e Mari pela grande amizade e por melhorar sempre o meu dia.

Um agradecimento especial para a minha grande amiga-irmã Joana que me acompanhou desde minha entrada no NUFEP, tornando-se assim parceira de trabalho e de “ondas” que sempre estiveram em sintonia, tanto nos momentos céticos quanto nos de superação e afirmação.

Ao Ronaldo, por tudo que fez durante estes quatro anos e por sua dedicação com meu tema. Amigo que me incentivou a retomar meus estudos sempre falando: *aparece lá no NUFEP*. Sem ele esta monografia não estaria pronta e não teria completado um ciclo. Valeu Ronaldo!

Por fim ao programa CNPq, mantido pelo Governo Federal, cujo apoio através de bolsa de pesquisa foi fundamental para a realização pesquisa.

RESUMO

Nesta monografia realizo um exercício etnográfico. Construindo uma imagem da praia de Itaipu através de uma pesquisa realizada por mim junto aos pescadores do local, principalmente com o pescador Aureliano Mattos Souza. Tendo como questão central, para a construção desta imagem, o fim da pesca da tainha na praia de Itaipu. Para tanto, utilizo comparativamente a etnografia de Kant de Lima, “Os pescadores de Itaipu” de 1978, que analisou a pesca da tainha como sendo um momento ritual para os pescadores de Itaipu, onde suas identidades eram reafirmadas. Assim, apresento o re-ordenamento nas artes de pesca, as redefinições no tempo da pesca e suas conseqüências para a morfologia social dos pescadores de Itaipu. Ao final, em anexo, apresento um ensaio de Antropologia Visual.

PALAVRAS CHAVES

1 - Trabalho de Campo, 2 - Praia de Itaipu, 3 - Pescadores, 4 - Artes de pesca, 5 – Tempo.

SUMÁRIO

BRUNO, NUFEP E CAMBUCI: Por que, quando e como estar na praia de Itaipu	6
“CANTO” DE ITAIPU: Um pequeno mapa	14
“PESCARIAS”: UMA VISÃO GLOBAL E RESTRITA. (E o “surgimento” do objeto).	18
“REDE DE MALHA” OU “ESPERA”	24
“ARRASTO DE PRAIA”.	34
MESTRE CAMBUCI E SUA “COMPANHA”: Estratégias para o “inverno” e “verão”.	42
“AMARRANDO” AS IDÉIAS: O “sumiço da tainha” e as redefinições de tempo e artes de pesca.	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	51
ANEXO. ENSAIO DE ANTROPOLOGIA VISUAL:	53
“Lanços” de um dia de “verão”.	57

BRUNO, NUFEP E CAMBUCI:

Por que, quando e como estar na praia de Itaipu.

“Antes de iniciarmos aqui o relato sobre o *Kula*, será interessante apresentar uma descrição dos métodos utilizados na coleta do material etnográfico. Os resultados da pesquisa científica, em qualquer ramo do conhecimento humano, devem ser apresentados de maneira clara e absolutamente honesta”. (Malinowski, 1984:18)

Neste trabalho de conclusão de curso pretendo realizar um exercício etnográfico, através de uma pesquisa realizada junto aos pescadores da praia de Itaipu localizada em Niterói, mais especificamente sobre a “companha²” do Sr. Aureliano Mattos de Souza, conhecido no local como Mestre Cambuci ou simplesmente como Cambuci. Construindo uma imagem sobre a pesca de Itaipu em comparação ao que ela já foi um dia, uso o livro de Roberto Kant de Lima e Luciana Pereira *Pescadores de Itaipu*.

Antes de começar a descrição, quero apresentar minha vinculação ao Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisa (NUFEP) e seus trabalhos na região, para, a partir daí, explicitar minha inserção no campo.

Em maio de 2001 me tornei bolsista de iniciação científica do CNPq (após um ano de abandono do curso) vinculado ao projeto integrado “Religião, Direito e Sociedade em uma perspectiva comparada”, sob orientação do Prof. Roberto Kant de Lima. Minha socialização neste projeto deu-se através das reuniões do NUFEP e de conversas com o

²“As ‘Companhas’ são a denominação dada, em Itaipu, para as equipes que pescam em uma determinada

antropólogo Ronaldo Lobão (que havia feito estágio de docência pelo PPGACP/UFF junto ao Professor Roberto Kant na disciplina Antropologia II, a qual cursei e onde o conheci) que sempre me incentivou a retomar meus estudos e a conhecer o trabalho do NUFEP.

Em junho do mesmo ano integrei-me à pesquisa interdisciplinar (Antropologia e Biologia Marinha) ITAPESQ (Mecanismos Reguladores da Produção Pesqueira na Região de Itaipu: Subsídios para Gestão de uma Reserva Natural Extrativista Marinha). Este projeto tinha como uma de suas metas acompanhar e discutir, sob o ponto de vista da Antropologia, Biologia Marinha e Oceanografia, o processo de implementação da Resex-Mar³ de Itaipu e seus impactos para os pescadores, comunidade local e para o estoque que é o recurso renovável marítimo.

Pesquisas sociológicas sobre pescadores desta região vêm sendo realizadas desde 1977 com a dissertação de mestrado de Elina Pessanha, que virou o livro *Os Companheiros* (2003). Logo após, o Prof. Roberto Kant de Lima realizou sua etnografia, da qual resultou sua dissertação de mestrado em 1978 e um livro, *Os pescadores de Itaipu* (1997). Deste livro faz parte ainda a monografia de Luciana Pereira apresentada como trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais da UFF em 1996. Estas foram as produções de textos acadêmicos, mas também utilizei projetos realizados pelo NUFEP, tais como: Relatórios, Levantamento Sócio-Econômico e um projeto para Criação de uma Reserva Extrativista Marinha na região de Itaipu, Itacoatiara e Piratininga.

Minha primeira ida à praia de Itaipu foi realizada junto com outro pesquisador do NUFEP, Delgado Goulart da Cunha, para a pesquisa ITAPESQ. O estranhamento com os acontecimentos da praia foi imediato. Delgado, que estava com uma filmadora, começou

³ Sigla que significa: Reserva Extrativista Marinha, que é uma unidade de conservação de uso direto.

a filmar uma canoa que acabara de “encalhar”⁴. Esta canoa era de Cambuci e sua “companha” tinha acabado de pescar. Notei a grande aglomeração em torno da canoa para ver o pescado, que foi vendido sem eu entender como.

Após este momento, Delgado e eu fomos até Cambuci, que se encontrava atarefado em frente a seu barracão. Depois de nos apresentarmos, Delgado começou a fazer perguntas a Cambuci, que embora respondesse a todas, não se mostrava muito receptivo. Notando esta situação, Delgado agradeceu pela atenção e então demos por encerrada esta visita a campo.

Embora Cambuci não tenha se mostrado muito interessado em nos receber, ele se constituiu, para mim, enquanto ponto de referência, tendo em vista que nunca havia estado na praia de Itaipu e não conhecia outro pescador.

Na segunda ida a campo, fui sozinho à praia e pela parte da manhã, por volta das 6:00h. Chegando lá, Cambuci e sua “companha” estavam fazendo uma “puxada de rede”⁵ da qual participei. Fiquei meio sem jeito de estar me intrometendo, mas logo percebi que a ajuda era bem vinda. No entanto, parece que somente a ajuda na “puxada” era bem recebida, porque qualquer tentativa de conversar com Cambuci não surtia efeito, ele não me dava atenção e sempre se afastava quando tentava fazer alguma pergunta.

Neste momento, pensei em procurar outros interlocutores, mas eu era um completo estranho ali na areia da praia, andando de um lado para o outro, perdido e sem saber o que fazer. Fui para casa chateado e me sentindo mal porque, além de ter um

⁴ Categoria local para o procedimento de tirar a canoa da água e pôr a mesma na areia, usando para isso “estivas” que são peças de madeira as quais servem para fazer a canoa deslizar diminuindo bruscamente o atrito com a areia. O processo inverso é o “desencalhar”.

⁵ Momento e ato em que a rede de arrasto é puxada para a areia.

sentimento de frustração pessoal, estava preocupado com o levantamento que deveria fazer para o projeto.

Decidi voltar à praia e fui de novo participar da “puxada”, desta vez sem perguntar nada, só observando os movimentos dos “companheiros”⁶ e bisbilhotando suas conversas: o dia de campo se resumiu a isto. Assim, continuei por mais duas vezes, a não ser pelas conversas com os ajudantes e puxadores, os quais me informaram a hora em que começava o lanço.

As próximas idas à praia de Itaipu foram feitas seguindo esta informação, tendo que me levantar (e sair rapidamente de casa) às 3:00h da madrugada para ir à praia. Assim, ajudava na “puxada” e podia observar todo o encontro da “companha” em frente ao barracão de Cambuci, que fica na areia em frente à praia. Comecei, então, a conversar com alguns “companheiros” como Roni e Suca, que começavam a me explicar as operações da pesca. Cambuci já respondia algumas perguntas e se mostrava mais receptivo. No entanto, com as primeiras impressões que tive, não insistia em conversar demoradamente e fazia perguntas mais objetivas obtendo assim respostas igualmente curtas e objetivas.

Com o tempo, já estava bem entrosado com alguns companheiros e com os ajudantes e puxadores, sendo que num certo dia, com uma “puxada” na maré vazante e com poucos puxadores, tivemos que nos esforçar bastante para trazer a rede até a areia. Foi quando percebi que não era somente um estorvo para aquelas pessoas, porque estava participando ativamente de suas vidas.

Mudei então minha postura em relação a Cambuci e comecei a conversar com ele com mais frequência (nesta época só tomava nota dos acontecimentos e diálogos quando

⁶ Pescadores integrantes da “companha”.

chegava em casa, por causa da dificuldade de relação com Cambuci) o que o deixou, no mínimo, preocupado com minhas intenções na praia.

Não demorou muito para que um dia ele me interpelasse, de maneira educada. Após um dia de “lanço”⁷ e de “pescaria de Malha”⁸, em que acompanhei todos os movimentos, estava conversando com Cambuci enquanto ele “atava”⁹ uma rede. Foi quando me convidou para almoçar e, grato pelo convite, aceitei. Logo, pude perceber que aquele convite tratava-se de uma espécie de inquérito. Cambuci me perguntava sobre o que estava fazendo ali, quanto recebia e o que ia fazer com as informações. Respondia com sinceridade todas as perguntas, explicando minha ligação com o NUFEP, com a UFF e com o professor Roberto Kant. Não só respondia às intenções de suas perguntas, mas falava também sobre minhas reflexões sobre a sua “companha”, sobre a UFF, enfim, tentando quebrar a relação de pesquisador e objeto e propondo, implicitamente, uma interlocução.

Não saí do almoço com uma boa impressão. Entretanto, insisti mais uma vez, em continuar freqüentando a praia e ajudando na “puxada” da “companha” de Cambuci. Logo percebi que havia julgado erroneamente a conversa do almoço, conforme minhas notas em campo, em 4 de setembro de 2001.

“Cheguei por volta das 4:30 (...) Quando cheguei conversei e fiquei escutando a companha, quando Cambuci avisou que o café estava pronto, a companha foi tomar café, somente quando um companheiro tomou a iniciativa é que fui para o barracão conversar e tomar café e perguntar sobre Roni, Cambuci me informou que o Roni estava trabalhando em outra coisa não em

⁷ Irei discorrer sobre forma de pesca mais a frente.

⁸ Idem.

⁹ Ato de costurar a rede para emendá-la.

definitivo (minhas palavras), quando começamos a desencilhar a canoa perguntei a Cambuci se onde eu estava empurrando atrapalharia (tava na frente) foi quando Cambuci falou para eu entrar na canoa para poder acompanhar o lanço (...)

Assim começou meu trabalho de campo, que pode ser dividido em três fases: a primeira foi minha aproximação aos pescadores e minha adaptação a uma realidade totalmente diferente da minha (junho-julho de 2001).

A segunda, diz respeito a minha aceitação pela “companha” de Cambuci. Neste período pude fazer as melhores observações e obter as melhores informações, indo a praia ao menos duas vezes na semana (julho-Outubro de 2001). Tanto nesta fase, quanto na anterior, ia à praia com o objetivo de fazer o levantamento de dados, que era a descrição das artes de pesca de Itaipu. Não tinha ainda me preocupado em formular algumas questões e só havia lido as primeiras páginas do livro *Os Pescadores de Itaipu* (Kant de Lima e Pereira, 1997).

Na terceira fase, acompanhei mais a parte da “tarde”¹⁰ da “companha”, não participando na maioria das vezes das puxadas, mas observando e participando mais das conversas em frente ao “barracão”¹¹ de Cambuci. Desta forma, pude ter uma visão mais geral da pesca em Itaipu, já que o barracão de Cambuci se transforma em um centro de conversas e de trocas de informações sobre a pesca (Outubro/2001-Março/2002).

Depois de março de 2002 até dezembro de 2003 visitava Itaipu para “colocar a conversa em dia”, documentar e participar de algumas atividades e reuniões, obter alguns

¹⁰ Horário dedicado a tarefas posteriores à pescaria.

¹¹ É um espaço embaixo da casa de Cambuci (que fica na areia em frente à praia) onde se guardam os apetrechos de pesca, algumas canoas e onde Cambuci prepara o café para os “companheiros”. Também é em frente ao barracão que Cambuci e alguns de seus “companheiros” ficam atando as redes e onde acontecem as “conversas”.

dados restantes para a descrição das pescarias, bem como ajudar na “puxada de rede” da “companha” de Cambuci.

As questões que levantei em campo eram partilhadas durante as reuniões semanais do projeto ITAPESQ, o que enriqueceu algumas reflexões e questões que eu tinha, além de mostrar outras que não havia percebido. Algumas destas reflexões se encontram amadurecidas nesta monografia.

A metodologia do meu trabalho de campo foi bem simples, porém árdua. Participava das “puxadas” de rede e nos demais momentos observava e conversava com Cambuci seus “companheiros”, familiares e amigos, bem como alguns outros pescadores. Usando, neste momento, meu caderno de campo (depois que considerei que não havia constrangimento por parte de meus interlocutores) para registrar frases e acontecimentos mais importantes. No mais, a experiência vivida ficou comigo na memória, uma vez que

“(…) os dados contidos no diário de campo e nas cadernetas de campo ganham em inteligibilidade sempre que rememorados pelo pesquisador; o que equivale dizer, que a memória constitui provavelmente o elemento mais rico na redação de um texto, contendo ela mesma uma massa de dados cuja significação é melhor alcançável quando o pesquisador a traz de volta do passado, tornando-a presente no ato de escrever”. (Cardoso de Oliveira, 2000: 34).

A observação participante foi vital para a construção da minha relação com Cambuci e sua “companha”. Destaco aqui dois fatos que considero os mais importantes

desta metodologia: a observação dos *imponderáveis da vida real* (Malinowski, 1984) e a possibilidade de construção de uma interlocução (Cardoso de Oliveira, 2000).

“CANTO” DE ITAIPU:

Um pequeno mapa.

Itaipu localiza-se no 2º distrito de Niterói, município do Estado do Rio de Janeiro. A praia de Itaipu estende-se aproximadamente 3,5km na direção geral leste-oeste, tendo como coordenadas, de acordo com a carta náutica 1501 do Departamento de Hidrografia e Navegação do Ministério da Marinha, 22°53’14’’ de Latitude Sul e 43°22’48’’ de longitude Oeste.

Geograficamente, a praia é limitada a leste pelo “Morro das Andorinhas” e a oeste por outra formação rochosa, a Ponta da Galheta. Atualmente a praia de Itaipu é conhecida pela faixa de areia que se estende desde o “Morro das Andorinhas” até o canal (que liga a lagoa de Itaipu ao mar, construído em 1978). Esta parte é denominada localmente como “Canto de Itaipu”. O restante da faixa de areia que continua até a Ponta da Galheta constitui-se em um dos locais mais valorizados pelo mercado imobiliário de Niterói e pelo turismo: Camboinhas.

O canal criou uma ligação permanente entre a lagoa de Itaipu e o mar. Para isto foi preciso fazer a dragagem da lagoa, que se encontrava acima do nível do mar. Para os pescadores, o canal significou uma divisão da praia, seu espaço de sociabilidade. Isto dificultou o transporte do pescado, afetando assim sua atividade econômica e causando também a desapropriação das casas e ranchos de pesca dos pescadores que residiam na área, que abrange todo o espaço desde o canal até a ponta da Galheta.

Vindo pela estrada que vai até Itaipu e antes de entrar na vila do “Canto de Itaipu”, existe um pátio, que funciona como estacionamento. De um lado (mais próximo

ao Morro das Andorinhas), encontra-se o antigo Recolhimento (Jesuíta) de Santa Tereza e atual Museu Arqueológico de Itaipu, onde encontra-se o esqueleto de um Sambaqui achado nas dunas de Itaipu. Em frente ao museu, do outro lado do pátio, localiza-se a sede da Colônia de pescadores Z-7.

Seguindo pela colônia, pode-se sair diretamente na praia, passando pelas areias e canoas do pescador Lula. Ao lado esquerdo do Museu, temos a entrada da vila, onde se encontram alguns pescadores residentes e um comércio local. Logo no começo da vila avista-se outra saída para a praia, nesta pode-se observar algumas canoas nas cores azul claro e amarelo que são do pescador Cambuci. Elas estão em frente a seu barracão, que fica embaixo de sua casa e é, atualmente, o único barracão de pesca do local.

Na areia, de costas ao barracão de Cambuci e de frente para o mar, avista-se à esquerda, o Morro das Andorinhas. Deste lado não se encontram canoas para a pesca de arrasto, concentrando, desta forma, outras embarcações de pequeno porte.

À direita, avista-se o Canal, a Ponta da Galheta e várias canoas estacionadas na areia, que são de propriedade dos pescadores: Lula, Dunga e Dino, cada um pescando com suas canoas e equipes diferentes.

No “Canto de Itaipu”, hoje, estão os pescadores, residentes ou não. Embora grande parte viva nas redondezas, como, por exemplo: Engenho do Mato, Av Central e Cachoeira, todas as embarcações e a sede da colônia de pescadores Z-7 se encontram ali.

Existe também um comércio local, com peixaria, padaria, mercadinho e alguns bares e restaurantes, estes com grande atendimento aos turistas nos finais de semana e feriados, principalmente no verão. Durante os finais de semana as areias de Itaipu ficam cheias de cadeiras e mesas que são colocadas pelos bares para o atendimento aos

banhistas, o que ocasiona grandes transtornos a todos os pescadores, já que dificulta e até impossibilita o deslocamento das canoas entre a terra e mar.

Estes comércios estão concentrados na Vila de Itaipu, alguns estão virados para praia e outros na parte interna da vila. Os da praia constituem-se, em sua maioria, de bares e restaurantes destinados aos turistas. Já a parte interna é onde se encontram os mercadinhos, a padaria, e bares, sendo que estes últimos atendem geralmente pescadores e moradores do local. A peixaria atende pessoas de toda a região que vão comprar o peixe de Itaipu, além de peixes dos pescadores para revenda.

Em meio a estes comércios e casas, redes ficam penduradas em vários lugares. Há redes penduradas nas pilastras de um bar, amontoadas ao lado da peixaria e na areia mesmo, que provavelmente estão sendo repintadas ou remendadas.

Os pescadores e pessoas que ajudam na “puxada de rede” e que moram fora da praia de Itaipu usam ônibus (algumas linhas circulam durante a madrugada) e bicicletas como meio de transporte. Não tenho idéia da proporção exata, mas como pude observar, a escolha entre estes meios depende de variáveis como renda, idade, distância, disposição física, condições climáticas.

Segundo o projeto “Resex – Itaipu / Itacoatiara / Piratininga”¹²:

“Seis linhas de ônibus dão acesso a praia de Itaipu: Da Viação Pendotiba - 38 (Centro-Itaipu), 770 (Praça XV-Itaipu), 52 (Largo da Batalha-Itaipu), 46A (Várzea das Moças-Piratininga-Itaipu); Viação Amparo – 537A

¹² Projeto elaborado por pesquisadores e colaboradores do NUFEP para o Centro nacional para o desenvolvimento Sustentado de Populações Tradicionais (CNPT/IBAMA/MMA).

(Niterói-Itaipu); Viação Normandy – Frescão (Itaipu Castelo).” (Pág. 6)

Além de um grande número de *vans* que percorrem o mesmo trajeto e de determinadas linhas de ônibus, número este que aumenta bruscamente no verão. Nunca observei a circulação destas *vans* durante a madrugada, hora em que os pescadores estão indo a praia para a pesca de arrasto de beira de praia.

“PESCARIAS”¹³: UMA VISÃO GLOBAL E RESTRITA.

(E o “surgimento” do objeto).

“Tentarei mostrar como o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever* podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento – marcado por nossa inserção nas ciências sociais -, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses *atos cognitivos* delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber.” (Cardoso de Oliveira, 2000:18).

A descrição sobre as artes de pesca em Itaipu é necessária para a construção de uma imagem sobre o espaço, o tempo e a sociabilidade dos pescadores de Itaipu e para contextualizar as pescarias e as estratégias escolhidas por Cambuci. Entretanto, é importante ressaltar que esta contextualização está vinculada diretamente à minha interlocução com o próprio Cambuci, seus “companheiros”, “ajudantes”, conhecidos e familiares, embora tenha feito contatos com alguns pescadores de “pescarias” de “rede de malha” e com o falecido Zequinha, que era dono de uma “pescaria” de arrasto.

¹³ Ver nota 1 para o esclarecimento do duplo significado da categoria “pescaria”. Neste caso “pescarias” entendidas enquanto as artes de pesca praticadas na praia de Itaipu.

De maneira geral, a maioria das informações e observações foram obtidas através de Cambuci e, portanto, minha visão sobre a pesca na praia de Itaipu foi elaborada a partir do olhar, pensar e atuar de um dos atores do local.

Meu objetivo em explicitar esta questão é mostrar que, até constarem neste texto, as informações e dados passaram por dois “filtros”. O primeiro Cambuci; o segundo, por quem escreve. Desta forma, uma relação entre estes dois filtros teve que ser construída, dentro de um contexto já explicitado anteriormente. Com isto, quero dizer que, neste texto, não pretendo expressar nenhuma realidade objetiva da pesca na praia de Itaipu, mas sim, tentar descrever e interpretar os fatos mais marcantes observados e narrados por e para mim a fim de construir uma das imagens possíveis da pesca na praia de Itaipu.

“A rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante, o etnólogo não cria condições de efetivo diálogo. A relação não é dialógica. Ao passo que se transformando esse informante em “interlocutor”, uma nova modalidade de relacionamento pode – e deve – ter lugar.” (Cardoso de Oliveira, 2000:23)

Quero ressaltar ainda o caráter comparativo com o argumento de Roberto Kant de Lima no livro *Os Pescadores de Itaipu*. Todavia, não usei a etnografia de Kant de Lima para direcionar meu olhar ou formular questões durante o transcorrer do trabalho de campo, que engloba *olhar* e *ouvir* (Cardoso de Oliveira). Neste sentido, não fui a campo procurando o “Ritual da pesca da Tainha”, ou as “mariscadas” e nem o “novo patrono” da praia de Itaipu.

As questões comparativas levantadas por mim nesta monografia surgiram juntamente com a delimitação do objeto. Delimitação esta que não foi previamente estabelecida e, sim, fruto do próprio processo de produção deste texto, que foi sendo desenvolvido a partir de alguns relatórios e ganhando corpo e sentido durante sua escrita.

Comecei a escrever este trabalho baseando-me na dualidade da “pescaria” de Cambuci, que pesca com “rede de espera”¹⁴ e “arrastão”, utilizando estas duas formas no “inverno”¹⁵ e somente o “arrastão” durante o “verão”. Assim, a partir das críticas construtivas do meu orientador e das conversas sempre frutíferas com o antropólogo Ronaldo Lobão, atentei para o fato de que meu texto era puramente descritivo. A partir daí, comecei a me preocupar com a formulação de uma questão.

No entanto, esta questão não foi elaborada a partir deste momento narrado, mas sim com a continuidade da escrita e, posteriormente, com o estranhamento sobre meu próprio texto. Quando parei de escrever, por causa da angústia que me perturbava, e me coloquei de “fora”, pude observar que, na elaboração do texto e na organização das idéias, tinha me encaminhado, não deliberadamente, para esta comparação de dois momentos da praia de Itaipu e da vida dos pescadores.

Resumindo, a escrita e o “surgimento” do objeto, foi um processo fenomenológico, uma “tempestade cerebral”, em que *insights* e dados que foram brotando iam sendo digitados diretamente no programa *Microsoft Word* para serem posteriormente recortados, colados e organizados em torno de uma questão.

¹⁴As “pescarias” de “rede de espera” e “arrastão” são centrais para minha argumentação e por isto estão fundamentadas nos dois próximos capítulos.

¹⁵Irei discorrer sobre as categorias “inverno” e “verão” no próximo capítulo.

“Parece existir, todavia, e faz parte, uma certa contradição entre método e meta: o método é permitir que as coisas da situação se articulem espontaneamente; a meta é falar, *sotto voce* (...) A escolha será puramente subjetiva, no sentido de obedecer ao interesse e à vivência de quem escreve este ensaio. Mas está na dialética da coisa que a escolha subjetiva provoca a coisa para ser objetiva, isto é: coisa. No final será ensaiada uma síntese da imagem sob a égide do ponto de vista”.(Flusser, 1998:38)

Assim, o produto final, esta monografia, apresentará uma estruturação que pode parecer pré-concebida, mas como explicitarei anteriormente, é fruto de um processo muito subjetivo e somente ao final do escrever (Cardoso de Oliveira) é que ganhou seus contornos gerais.

Em Itaipu existem, segundo meus interlocutores, quatro tipos de pesca: Mergulho, Linha, Rede de malha ou Rede de espera e Arrasto de praia. Esta categoria “em Itaipu”, ou seja, “pescarias de Itaipu”, é muito complexa e incorri algumas vezes no erro de naturalizá-la. Ela representa as “pescarias” que são realizadas dentro do limite marítimo de Itaipu, que seria desde a Ponta da Galheta até a Ilha da Menina, ou seja, são “pescarias” que são realizadas com pequenas embarcações como “canoas”, “caícos” e “baleeiras”. Em alguns tipos de “pescarias”, “pescadores de Itaipu” podem até cruzar o limite das ilhas, mas isto não implica a desvinculação com o espaço marítimo de Itaipu. Além disto, estas embarcações “encalham” na praia de Itaipu e o comércio é realizado neste espaço.

Alguns pescadores são considerados como sendo de Itaipu, mas não praticam a pesca “em Itaipu”, como o pescador José Ronaldo A. da Silva, que reside em Itaipu, mas

que, no entanto, pesca de “caçeira”, normalmente em direção à região dos Lagos, e sua embarcação fica aportada em Jurujuba. Por outro lado, existem pescadores que não residem em Itaipu e praticam a pesca “em Itaipu”. Alguns podem ser reconhecidos enquanto “pescadores” de Itaipu e outros não. O maior exemplo disto são alguns pescadores que durante o “verão” pescam de linha na praia de Itaipu: muitos deles são de “fora”, não residem em Itaipu e não tem nenhum parentesco ou relação de afinidade com “a gente”¹⁶ de Itaipu. Por isso, são considerados como sendo “pescadores de fora”. Mas, como afirmei anteriormente, mesmo eles não sendo considerados de Itaipu, praticam uma pescaria (utilizam a mesma embarcação, apetrechos de pesca e técnica) que os torna “pescadores de Itaipu”.

São muitos os “pescadores de fora”. Não acredito que conseguiria explicar todos os requisitos que enquadram um pescador como de “fora” ou como “pescador de Itaipu”. Esta não é minha escolha e também não acredito que tais requisitos existam, tendo em vista que esta identidade é construída numa perspectiva relacional e tem a ver com a sociabilidade dentro de um espaço e num determinado tempo da praia. Ao final desta monografia aponto algumas direções para responder a pergunta: o que é ser “pescador de Itaipu”? Partindo para tanto do campo com a “companha” de Cambuci e pensando comparativamente com a construção de Kant de Lima sobre o ritual da “pesca da tainha” e com as tensões e dualidades das “pescarias” de Itaipu em suas determinadas épocas.

Irei abordar mais detidamente os tipos de “pescaria” que a “companha” de Cambuci realiza durante o ano (“inverno” e “verão”), que são a pesca de “Arrasto de praia” e de “Rede de malha”. Estes tipos de pesca se revelaram importantes no contexto social da praia, pois aglomeram um considerável número de pescadores e pessoas e

¹⁶ Uma das categorias local usada para definir pessoas de Itaipu, pescadores ou não.

também estabelecem redes de relações pessoais (trocas, regras, conflitos, saberes e “causos”), tanto a título econômico quanto político e social. Elas também são consideradas como pescas tradicionais de Itaipu (uma mais e outra menos).

“REDE DE MALHA” OU “ESPERA”:

Existem 12 pescarias de “rede malha” ou “espera” e todas elas são compostas de 2 pescadores cada. Estas pescarias usam, de forma variada, embarcações que são denominadas “caícos” ou “baleeiras”, que podem ser de metal ou madeira, não havendo mais o uso das “canoas pequenas” para este tipo de pesca. A única exceção é Cambuci, que também é o único que pesca com mais de duas pessoas.

São três os tipos de rede de “malha” em Itaipu: a “curvineira”, a “linguadeira” e a “rede alta”: A “curvineira” tem por volta de 1-2 braças de altura e a malha vai de 55-60mm; a “linguadeira” também tem por volta de 1-2 braças mas a malha é maior de 90-110mm; a “rede alta” tem de 4-5 braças de altura e a malha varia entre 40-50mm.

Estas redes são medidas por “panos”, os quais são medidos por braças. Como descreveu Kant de Lima em seu livro *Pescadores de Itaipu*.

“1 braça (...) sendo representada pela distância que vai de um dedo médio a outro de um homem com os braços em cruz” (Kant de Lima e Pereira, 1997:84)

No entanto, um “pano” pode ter medidas desiguais. Para Cambuci, um “pano” de suas redes de “malha” tem 74 braças; já para o Sr. Waldecir Reis, “Reizinho”, um “Pano” varia entre 30 a 35 braças. Estes “panos” são emendados, formando uma rede, que pode diferir de tamanho de acordo com a quantidade dos mesmos. Assim, o pescador faz uma rede maior ou menor de acordo com seus prognósticos e local a ser colocada.

Cambuci tem por volta de 20 “panos” de “curvineira”, 21 “panos” de “rede alta” (que montam 6 redes) e 13 “panos” de “linguadeira”. O pescador Waldecir Reis, “Reizinho” que, juntamente com o pescador André, forma uma “pescaria”, tem 20 “panos” de “curvineira”, 40 “panos” de rede “alta” e 15 “panos” de “linguadeira”. Esta “pescaria” pesca com uma “baleeira” (Brenda-17) e usa um motor de popa de 15hp. O filho (Daniel) e o irmão (Newton) de Reizinho formam outra “pescaria” em que possuem 20 e 30 “panos” de “linguadeira” e “curvineira” respectivamente, mas não possuem rede “alta” e usam um “caíco” com um motor de popa de 15hp. Estas duas “pescarias” pescam “dentro” e “fora” das ilhas.

Normalmente a pesca de “rede de espera” é realizada da seguinte maneira:

Cambuci e mais alguns “companheiros” deixam a rede em um ponto “dentro” da praia¹⁷ pela parte da manhã e somente no dia seguinte, depois do sol raiar, ele vai “cobrar a rede”¹⁸. Dependendo do prognóstico, ou ele deixa a rede no mesmo lugar e só vai “cobrar a rede” no dia seguinte; ou retira a rede e traz para terra para fazer reparos, que são comumente necessários com este tipo de rede. As outras duas “pescarias” descritas também usam uma estratégia parecida: saem de manhã para colocar ou “cobrar” a rede e só vão “cobrar a rede” no dia seguinte.

As “pescarias” que tem motor normalmente colocam a rede “fora das ilhas”, comumente em Itacoatiara e Itaipuaçu. As pescarias que não possuem motor e utilizam o remo costumam “botar” a rede na parte de “dentro” ou “entre as ilhas”.

¹⁷ Cambuci não costuma passar das ilhas por considerar perigoso por causa do mar brabo e o risco de perder a rede puxada pela maré forte.

¹⁸ É o processo de ir até o ponto onde a rede está colocada e “safar” (tirar) o peixe da rede.

Diferentemente da “pesca de arrasto”, na pesca de “rede de malha” não existem normatizações tradicionais como o “direito à vez”¹⁹. O local, hora e tipo de rede é exclusivamente decisão dos pescadores de uma “pescaria”, sendo que as redes podem ser colocadas muito próximas uma das outras. Segundo Cambuci, que é tradicionalmente “pescador de arrastão”: *“Isso aí dá maior confusão”*. Mesmo pescando de “rede de espera”, Cambuci tem a visão do ordenamento do espaço vindo da pesca de “arrastão” e por isso considera como uma grande confusão a relação que a pesca de “rede de espera” tem com o espaço marítimo.

Os pescadores de “malha” não se referem mais a sua equipe (que é somente uma dupla) de pesca como uma “companha”. Neste tipo de pesca, esta dupla que se junta para realizar a pesca de “rede de malha” é identificada como “pescaria”. Em seu livro, Pessanha descreve a “companha de emalhar”²⁰ como sendo formada por três “companheiros”²¹: Um mestre e dois remadores, em que:

“(…) vigora entre eles uma divisão de trabalho que atribui ao mestre os encargos naturais de governar o processo e aos remadores a execução de determinadas tarefas sob seu controle...” (Pessanha, 2003:85)

Existe aí uma clara reestruturação não só na forma de pesca, mas também na relação entre os pescadores que dividem o mesmo “caíco”: não há mais a “companha” e,

¹⁹ “O conjunto de regras de ‘inverno’ e ‘verão’ se constitui no ‘direito à vez’, representado como um ‘contrato’, não escrito, que se originou da necessidade de evitar prejuízos para as ‘pescarias’, que implicam prejuízo também para os responsáveis por sua manutenção, principalmente na época da pescaria ‘de cerco a tainha’.” Kant de lima, 1997:205)

²⁰ Definição de Elina Pessanha.

²¹ Os “companheiros” são os pescadores que fazem parte de uma “companha”.

por conseguinte, a figura do mestre e dos “companheiros”. A divisão de tarefas não obedece mais a regras previa e socialmente estabelecidas, mas é organizada através da relação dos parceiros da “pescaria” e do saber de cada um.

A diferença entre “caícos” e “baleeira” não é clara. Durante algum tempo tentei definir estas embarcações a partir das definições dos próprios pescadores; entretanto, cada pescador apresentava uma “versão” diferente do que elas seriam. *(post scriptum: ver dissertação para definição correta)*

Esta definição que procurava não estava na distinção entre elas e sim fora delas, pelo uso das mesmas e pela representação que os pescadores das diferentes artes de pesca têm de cada uma das embarcações e suas atribuições. “Caícos” e “baleeiras”, com motor ou a remo, são embarcações usadas somente para a pesca de “rede de malha” e “linha”, não sendo usadas em hipótese alguma na “pesca de arrasto”. Em contraste, portanto, com as canoas que fazem a pesca de arrasto e que é considerada pelos próprios pescadores, inclusive os de “malha”, como a mais “tradicional” de Itaipu.

Estas questões relacionadas com as embarcações e a organização das “pescarias” (e que estão ligadas) me levaram a outra questão, que diz respeito a uma divisão social que existia em Itaipu e que hoje está reelaborada.

Em seu livro, Kant de Lima aponta para uma divisão (que remonta um tempo anterior a sua pesquisa) nos pontos de pesca em Itaipu que refletiam a organização da pesca e, por conseguinte, a dinâmica social. A divisão era entre o grupo e a praia em Porto Pequeno (onde ficavam as canoas pequenas que faziam a pesca de “malha”) e o Porto Grande (onde ficavam as canoas grandes que faziam a pesca de “cerco”). Atualmente na “pesca de arrasto” não há mais uma distinção social entre as canoas, nem

mesmo no seu tipo ou em seu uso. Só depois de muita insistência de minha parte é que Cambuci definiu suas canoas como sendo pequenas ou grandes, ou seja, esta distinção não reflete mais um padrão social, tornando-a irrelevante. Atualmente, na praia de Itaipu, uma canoa de arrasto é exatamente isto: Uma canoa para realizar pesca de “arrastão” e em quase sua totalidade realizar o “lanço à sorte”.

Logo, a distinção entre “caícos” e “baleeiras” está em oposição às canoas. Não são somente dois tipos de embarcações diferentes, como também “pescarias”, formas de organização social/econômica e uso do espaço do mar que chegam a ser conflitantes, e que atualmente exprimem uma divisão na praia entre a “pescaria de arrastão” e os “caiqueiros”. Em minhas conversas com Cambuci sempre notei o uso da expressão “caiqueiros” (em que incluo os baleeiros) de forma pejorativa, como pessoas que não respeitam as “tradições” de Itaipu, e causam muita “exploração”²² com o uso da “rede de espera”.

A “rede de malha” é a mesma que a rede de “espera”, em princípio, porque a “espera” é uma estratégia de pesca com a “rede de malha”. Atualmente este tipo de estratégia é usado por todas as “pescarias de malha”, sendo também a única. Não obtive relatos de outro tipo de pesca com a “rede de malha”, tanto que no começo de meu trabalho de campo não compreendia esta distinção entre “malha” e “espera”. Somente com os relatos de meus interlocutores, que contavam como era a “pesca de malha”, foi que pude notar a especificidade da “rede de espera”.

Kant de Lima, em seu livro, discorre brevemente sobre as formas de pesca com a “rede de malha” e aponta como a pesca de “rede de espera” começava a gerar alguns conflitos:

²² Categoria que é entendida como a sobre-pesca.

“Essa pescaria é relativamente ‘nova’ em Itaipu, constando que é praticada ‘de 1963 para cá’ (...) Essa pescaria constitui-se no ponto central de discórdia entre os donos de ‘canoas pequenas’ e ‘canoas grandes’. Isso porque as redes de espera, que ficam a noite toda ‘pescando’, após retiradas²³, ‘espantam’ outros peixes, que se afastam do lugar devido à ‘restalha’, ‘catinga’, que nele permanece. Essa circunstância agrava-se na época da tainha, quando a captura se volta principalmente para espécies que vêm em cardumes, e a pescaria de arrasto se faz na modalidade de ‘cerco com vigia’.” (Kant de Lima e Pereira, 1997:87)

Segundo um interlocutor, a rede de “malha” era usada da seguinte maneira: ao fim da tarde, os pescadores de “malha” saíam para botar a rede na água e no dia seguinte antes do sol raiar (antes das “companhas” de arrasto fazerem o “cerco” ou o “lanço”) “cobravam” a rede e a tiravam da água para os peixes poderem “entrar” na praia de Itaipu. Ele ainda lembra que: “*se o sujeito não tirasse a rede dava até briga....*”

Cambuci conta que os pescadores de “rede de espera” eram conhecidos enquanto “*come e dorme*”, sendo considerados preguiçosos pelos pescadores “de arrasto”, tendo em vista que eles esticavam a rede n’água pela parte da tarde e só “cobravam a rede” no dia seguinte. Mostrando, assim, a valorização e a afirmação da identidade dos pescadores de “cerco” em contraposição a uma outra forma de pesca, a “rede de malha”. Esta categoria (*come e dorme*) exprime esta divisão social, e se constituía realmente em um dos principais motivos de discórdia entre os pescadores²⁴.

²³ Grifo meu.

²⁴ Ver Kant de Lima e Pessanha para a "tensão" pesca de "malha" e de "cerco",

Atualmente, este processo de retirada da rede para o “peixe poder entrar” não acontece mais, ou pelo menos não existe a exigência de que ela ocorra. As redes colocadas entre o canal, que é formado entre as ilhas, podem permanecer durante dias sem serem retiradas. Algumas destas pescarias, segundo Cambuci, nem mesmo vão “cobrar” a rede. *“Tem uns aí que são uns porcos, uma cambada de come e dorme”*. Aqui a categoria “come e dorme” surge novamente, mas, desta vez, refere-se apenas aos pescadores “de espera” que agem de uma certa maneira; aqueles que deixam o peixe apodrecer na rede, o que me levou a notar uma mudança em relação à representação deste tipo de pesca e pescadores. Quero ressaltar, no entanto, que Cambuci também pesca de “rede de espera” durante o “inverno”.

Mesmo não sendo mais motivo de briga, a pescaria de “rede de espera” se constitui em motivo de lamentação (discorrerei sobre isto mais à frente). Um dos consensos entre os pescadores da praia de Itaipu é em relação ao “sumiço da tainha”²⁵. Todos acusam a “rede de espera” de “fechar” a entrada da praia de Itaipu para a tainha que, segundo Cambuci,:

“Sabe... a tainha é um peixe esperto! Ela num emalha não, logo que o cardume entra e a primeira bate as outras saem fora da malha, assim elas vão de rede em rede, saindo, saindo e não entram mais”.

²⁵ Alguns oceanógrafos, como o mineiro Eduardo Paes (pesquisador ligado informalmente ao NUFEP), atribuem o fato do “desaparecimento” da tainha da costa sul-sudeste do Brasil, a grandes ciclos que podem durar, de seu ápice até seu fundo, por volta de 40 anos.

Alguns interlocutores também chegaram a atentar para o fato da tainha ter uma visão muito aguçada. A tainha, segundo eles, é capaz de perceber a “rede de espera” e desviar antes de “emalhar”²⁶.

Nesta relação constitutiva entre “caíqueiros” e os pescadores de “arrasto”, em comparação ao que Kant de Lima descreveu, há um afrouxamento das regras sobre o uso do espaço comum. Como vimos, existia um sistema de regras rigoroso de “direito à vez” e uma censura declarada aos pescadores “de canoa pequena”, em que os pescadores valorizavam e afirmavam o caráter central da pesca da tainha durante o “inverno” e também o predomínio desta, pela importância tanto econômica quanto social, do “cerco com vigia”.

Assim, durante o “inverno”, pescadores de “rede de espera” ganham mais espaço, usufruindo, das vantagens para esta “pescaria” durante este período, sem maiores problemas, tendo em vista o “sumiço da tainha” e o maior interesse dos pescadores de arrastão pelo “verão”.

Até agora, não me detive à descrição de dois momentos da praia de Itaipu, que é central para a construção da imagem a qual me proponho. Em Itaipu, os pescadores dividem o ano em “inverno” e “verão”. Segundo relatos de Cambuci, compreende-se “inverno” como período que vai de abril-maio à agosto-setembro e o “verão” o inverso. O determinante para estas categorias “inverno” e “verão” não é a dimensão temporal, mas sim as mudanças ocorridas com o mar, tais como: a temperatura da água (quente ou fria), cor da água (escura ou clara) e a presença de certas espécies. Como Kant de Lima

²⁶ É o ato do peixe prender-se entre as malhas nestes tipos de rede. Normalmente, dada a anatomia geral dos peixes, ele se prende quando, durante seu percurso, se entranha na rede de frente, passando sua cabeça, e geralmente ficando preso pelas guelras ou nadadeiras.

descreveu, o “inverno” era a época da tainha. A chegada da tainha era, portanto, num marco que demarcava a transição destas épocas.

A pesca de “rede de espera” tem seu ápice no período do “inverno”, quando espécies como o parati, a curvina e a anchova, “batem” na rede. Esta divisão do ano também é descrita por Kant de Lima e por Pessanha, mas em seus relatos o “inverno” aparece como sendo a “época da tainha”. Assim, durante este período, os pescadores de “malha” não podiam usar a rede de malha sem se constituir em motivo de conflitos entre os pescadores de “canoa pequena” e os de “canoa grande”.

Em contraste a esta época e lembrando do “sumiço da tainha”, atualmente, durante o “inverno”, o número de “pescarias” de “rede de espera” chega a doze, já que esta é a melhor época para este tipo de pescaria, mesmo com condições climáticas adversas que podem ocasionar a perda da rede e até levar perigo de vida aos pescadores. O “arrasto”, por sua vez, não havendo mais a “entrada” de grandes cardumes, continua com a pesca de “lanço à sorte”, mas não apresenta grandes resultados (econômicos e sociais) durante este período.

Entretanto, durante o “verão”, a pescaria “de espera” sofre um processo inverso. Embora as condições do mar se apresentem mais aprazíveis à navegação de embarcações como os “caícos”, não existem muitas espécies que possam “bater” na rede durante esta época. Cambuci comentou certa vez (durante o verão), de um pescador que fora cobrar rede em Itaipuaçu (que é considerado um ótimo local para a “malha”) e só retornou com dois peixes.

Durante o “verão” alguns pescadores optam por realizar a pescaria “de linha”, que é melhor neste período e outros, “arrumam um bico”, que normalmente está ligado à área

de construção civil, por se constituir em um emprego temporário. Não observei, no entanto, nenhuma migração para a pescaria de “lanço”. Estes pescadores que optam por um bico, mas que durante o “inverno” tem sua pescaria, são visto por Cambuci como sendo “pescadores”. Desta forma, completa: *“pescador tem família, hoje em dia as coisas são assim mesmo, tá muito difícil a pesca aqui”*.

Já a pesca de arrasto tem seu melhor período durante o “verão”, tendo em vista que as espécies que vêm no “lanço” são mais abundantes em termos de quantidade e variedade. Com o “sumiço da tainha” e da pesca de “cerco com vigia”, o arrastão acabou decaindo durante o “inverno”.

“ARRASTO DE PRAIA”

As “pescarias de arrasto” de Itaipu são formadas pelo conjunto de uma canoa, rede de arrasto e pela “companha” que é formada pelos “companheiros”.

Existem dois tipos de rede de arrasto, a rede própria para o “cerco” e a para o “lanço à sorte”. Cambuci tem os dois tipos de rede, sendo que desta última ele possui duas. A sua rede de “cerco” (ou como explicou didaticamente *“rede de arrasto especial para cardume grande”*) tem 250 “braças” de comprimento e 8 de altura sendo considerada uma rede grande, que precisa da utilização de uma *“canoa de grande porte”*. Já suas redes para o “lanço à sorte” possuem 150 “braças” de comprimento e 6 de altura.

Somente a “pescaria” de Dunga não possui uma “rede de cerco” e também não tem uma *“canoa de grande porte”*. Isto não significa que, entre os pescadores, Dunga tenha menos prestígio enquanto “pescador de arrasto” entre os próprios. Sempre notei uma certa afinidade entre ele e Cambuci, que sempre se falaram, e também nunca notei nenhum comentário pejorativo em relação ao uso exclusivo do “lanço à sorte” por parte de Dunga. Isto talvez aconteça porque, como disse Cambuci, *“essa pescaria de cardume acabou, tá falida”*.

Mesmo diante da afirmativa de Cambuci de que este tipo de pesca tenha acabado, três “pescarias” de “arrasto” têm uma destas redes “especiais para cardume grande”. Assim, ainda levando em consideração “o sumiço da tainha” e o fim da “entrada” de grandes cardumes durante o “inverno”, estas pescarias mantêm estas “redes para cardume

grande” para o caso de uma eventualidade²⁷ e, principalmente, pela tradição local da pesca da tainha. Sobre a pesca da tainha Kant argumenta:

“(…) o ‘cerco’ da tainha. A produção de um excedente ‘extraordinariamente previsto’ implica uma euforia social, exacerbando-se trocas e dádivas, com as conseqüentes afirmações dos desequilíbrios da hierarquia social. A ‘pescaria da tainha’ é, assim, o ponto focal do inverno, a síntese da vida comunitária de Itaipu, constituindo-se numa apropriação ritual do excedente para reafirmação da ‘estrutura’ social”. (Kant de Lima e Pereira, 1997:225)

Kant também delimita quatro momentos deste ritual que seriam: a “espera”, o “cerco”, a “puxada” e o “leilão”, e como os pescadores reagem a cada uma desta etapa.

Parece-me, então, que as “pescarias” de arrasto mantêm estas redes, não somente pelo caso de uma eventualidade, mas, como afirmei anteriormente, pela tradição do local e por um processo de querência (Mello), em que um sentimento de nostalgia sempre presente remete a uma época de festa e fartura. Como afirma Cambuci: *“você tinha que vê isto aqui antigamente, hoje a pesca tá acabada”*.

Assim, com este “sumiço da tainha”, que era um tipo de pesca que cumpria um ritual de reafirmação e construção identitária do grupo, há uma perda significativa em relação a uma “tradição” que, como argumentei anteriormente, sempre é referida com grande nostalgia pelos pescadores e, principalmente, por Cambuci. Por outro lado, ele apresenta uma representação sobre a “tradição” local, que seria justamente todo o ritual

²⁷Tenho relatos de pesca de alguns cardumes, o último por Cambuci, que pescou um cardume de xerelete.

envolvido durante a pesca da tainha e da pesca de “cerco com vigia”, realizada no “inverno”.

Cambuci afirma que esta “tradição” é responsável pela continuidade da existência do “direito a vez”: “*O pessoal [referindo-se às outras “pescarias” de “arrasto”] aqui respeita a vez, sabe como é né? Isto é a nossa tradição, todo mundo aqui tem essa consciência*”.

Além da “companha” de Cambuci, existem outras três: a de “Lula” (filho do pescador Zequinha falecido em 2003; que até então era dono da “pescaria”); a do Wilson, “Dunga”; e a de Dino. Esta última só foi citada por Cambuci nas últimas incursões a campo realizadas no final de 2003. Durante o período em que participava ativamente da pescaria de Cambuci nunca havia notado a presença desta quarta “companha”, nem havia sido informado pelos meus interlocutores, que sempre afirmavam que havia somente três “companhas”. Sobre isto, Cambuci me disse “*Dino sempre pescou aqui às vezes mais, às vezes menos*”.

Desta forma, isto, pareceu-me, em um primeiro momento, um problema. Será que meus interlocutores haviam mentido para mim? A resposta, no entanto, era clara e fácil de se encontrar. Eu mesmo não havia notado a presença desta “companha” durante o período em que frequentei a praia para participar das “puxadas de rede”, logo eles não haviam mentido para mim. Então, por que “*Dino sempre pescou aqui*” se existiam somente três “companhas”?

O que ajudou a esclarecer esta questão foi o trabalho de Joana Saraiva²⁸ realizado junto aos pescadores da praia de Piratininga²⁹. Nesta pesquisa, ela observou o surgimento

²⁸Aluna de graduação deste curso, amiga e colega de trabalho no NUFEP e no projeto ITAPESQ.

de uma “pescaria de arrasto”, que tinha como dono Seu Dudu, e sua posterior dissolução. O relevante deste acontecimento é que mesmo Seu Dudu sendo uma pessoa de “fora” da praia, pois após alguns anos como companheiro na companhia de Seu Tinga ele adquiriu e formou uma pescaria, e tendo sua pescaria existido por volta de um ano apenas, ele manteve seu “direito a vez” na pesca da praia de Piratininga.

Com a “pescaria” de Seu Dino parece ter acontecido um fato semelhante. Conforme Cambuci relatou, Seu Dino sempre pescou em Itaipu, mesmo não tendo uma “companha” formada ou ainda tendo vendido sua “pescaria”. Seu direito enquanto pescador de Itaipu sempre esteve guardado perante os outros pescadores da praia como, por exemplo, Cambuci, que já dividiu outras vezes o mesmo espaço e o mesmo sistema de regras com Seu Dino.

Estas quatro “companhas” fazem somente pescaria de “arrasto de praia”, com exceção de Cambuci, que também pesca com “rede de malha”. As “companhas” são formadas por um grupo de 4 a 6 pescadores, que são os “companheiros”.

Algumas “pescarias” descritas por Kant de Lima e por Pessanha eram de propriedade de pessoas que não pescavam e que deixavam a “pescaria” no encargo do mestre que era responsável pela “companha”.

Atualmente, todos os donos de canoa exercem o ofício da pesca, sendo todos Mestres, embora nem todos estejam diariamente presentes nos arrastos. Não existe mais uma divisão rígida nas funções da canoa, o que não implica em elas existirem. As funções ou atividades são: Mestre (popa), Contra-Mestre (proa), remador (podem ser 2 ou 4) e o ponta de cabo.

²⁹Pesquisas futuras poderão olhar com mais atenção para esta relação entre estes dois espaços e “atores” vizinhos.

Elina Pessanha descreve esta divisão da canoa:

“Já as companhas de arrastão são maiores, compostas de um mestre, um contra mestre, quatro remadores, um ponta-de-cabo e, no caso do cerco, de mais um vigia”. (Pessanha, 2003:86)

Cambuci relata os tempos passados como sendo de truculência e ignorância por partes dos pescadores. Ele se refere a isso para explicar o fato da rígida divisão de afazeres e posições na canoa e de como hoje as coisas estão diferentes. Por exemplo, na “companha” de Cambuci, Roni ou Manoel (Manéu Lagarto) podem ficar na canoa como Mestres enquanto Cambuci ajuda na puxada de rede, bem como Roni pode remar. No entanto, a decisão pela forma, local e hora do “lanço” é de Cambuci, que também determina a divisão de tarefas segundo o conhecimento de cada “companheiro”. Mesmo com esta flexibilização nas funções da canoa, ainda existe uma hierarquia, que é dada pelo saber. Roni tem um saber tecno-social para poder exercer certas funções de um Mestre, mas ele sempre está sob as determinações de Cambuci, que é quem determina todas as ações, inclusive a do mestre.

O “direito à vez” do “lanço à sorte” continua sendo praticado o ano todo, não sofrendo alterações em relação ao que Kant de Lima descreveu:

“Esse contrato visa disciplinar, na pescaria ‘de lanço’, a utilização dos ‘portos de pesca’, estabelecendo normas que assegurem sua exploração concomitantemente e isolada ou ordens de sucessão para sua exploração conjunta”.(Kant de Lima e Pereira, 1997:205 e 206)

Logo, estes “portos de pesca” continuam existindo, assim como o “direito à vez” baseado na alternância das “companhas” nestes “portos”. Eles estão localizados nos limites da praia de Itaipu e Camboinhas, sendo o primeiro “porto” mais próximo ao Morro das Andorinhas e seguindo até a Ponta da Galheta. Os “portos”, segundo Cambuci são: Porto Pequeno, Porto Grande, Volta, Areia Preta, Malha, Caminho Grande, Pegador, Proa do Camboinha, Popa do Camboinha, Monte de Areia e finalmente Canto do Prato.

O “lanço à sorte” é o tipo de pesca que estas “companhas” realizam ao longo de todo o ano, já que durante o “inverno” a “pescaria de cerco” está *falida*.

Durante o “inverno”, a “pescaria de lanço” é muito pouca, pois não existe mais a entrada de cardumes. Os pescadores se vêem obrigados a realizar mais de um “lanço”, às vezes até três, o que exige de toda a “companha” e dos puxadores um grande esforço físico, para no final os ganhos totais com cada lanço serem até de vinte reais, como já observei. Às vezes, os puxadores recebem somente os peixes indesejados pela companha como os coió (peixe voador), baiacu e os comedios³⁰. Isto ocasiona a baixa frequência de puxadores para os “lanços” realizados durante o “inverno” que, aliás, como todos sabem, também é uma época mais fria, principalmente por volta das 3:00h e 4:00h da manhã.

O “inverno” constitui-se, assim, em período de grandes dificuldades financeiras para os companheiros e para a própria pesca. Como descrevi anteriormente, nesta época do ano as condições do mar ficam muito adversas, quando o mar está muito *brabo* os pescadores não podem botar as canoas na água, gerando um certo tipo de angústia coletiva, já que os ganhos, que já são poucos, podem se tornar nenhum durante alguns

³⁰ Peixes muito pequenos que, segundo os pescadores, atraem os peixes maiores para a “beira da praia” e por eles são comidos.

dias. O que faz, às vezes, os pescadores se arriscarem botando as canoas na água, mesmo com o mar ainda um pouco *brabo*, mas ainda assim não conseguem muitos resultados. Cambuci relatou uma vez que uma outra “companha” fez um lanço, mas devido à maré vazante, que puxa a rede para dentro do mar, e pela pouca quantidade de puxadores, a “companha” teve que abrir o “lanço”³¹ para não perder a rede: mais um dia perdido.

A imagem que as “companhas” de Itaipu têm no inverno é a de uma praia vazia, onde os pescadores têm que lidar com as dificuldades financeiras e sociais, com um sentimento de angústia e lamentações pelo “sumiço da tainha”.

Com a chegada do verão, e a “pescaria de lanço” melhorando, há uma nova dinâmica. A melhora aqui é em relação à quantidade capturada e ao valor conseguido na sua venda. Ainda como Kant de Lima relatou, existe uma expectativa em relação ao “aparecimento” da lula de novembro-dezembro a fevereiro-março e a do parati em março e abril. Há também uma grande ocorrência de espada durante o ano todo que, embora tenha preço baixo, é uma alternativa, principalmente no “inverno”, mas, como observei, o “*misturado*” é predominante.

Atualmente, estes limites entre “inverno” e “verão” não são bem delimitados, tendo em vista que seus marcos eram o começo do “inverno”, com o aparecimento da “tainha de dentro”, e o fim do “inverno”, em maio e com o fim da pesca da “tainha de fora” em outubro.

Assim, a pesca de arrasto volta a ter um papel central na praia de Itaipu, podendo ter ganhos elevados e reunindo em torno dela toda a praia: os puxadores aparecem em número maior e os lanços realizados mais tarde contam também com a ajuda de alguns turistas que se dispõem a ajudar. Uma vez, assisti a uma mulher (provavelmente

³¹ Uma ponta é solta, então a rede começa a ser recolhida para dentro da canoa pela mesma.

moradora de Camboinhas) chegar à praia de luvas e roupa de ginástica para participar da puxada, provavelmente para fazer seu exercício matinal. Apesar de sua aparência exótica em relação aos outros puxadores e os “companheiros”, ela foi incorporada à puxada sem nenhuma restrição ou comentários jocosos (que são tão normais durante a puxada) e até foi ajudada com o manejo do “*recabo*”³². Após a puxada, seu exercício feito, ela foi embora com a chegada da rede na areia, não pegando assim seu peixe de direito.

A pesca de linha também melhora havendo uma quantidade enorme de “caícos” na água, muitos deles visíveis da praia de Itaipu. Segundo um pescador de linha, a praia chega a ter por volta de cem pescadores, ou mais, de linha. Como argumentei anteriormente, a maioria deles são considerados pescadores de “fora” e em alguns casos nem são considerados pescadores.

O turismo também leva muitas pessoas à praia de Itaipu. Estes banhistas enchem a areia e consomem nos bares à beira da praia; sendo que alguns são de famílias de pescadores, ou dos próprios, o que gera um incremento na renda familiar.

³² Corda que é usada em torno da cintura para prender no “*cabo de rede*” e, com isso, transferir a força de movimentação do corpo para o mesmo, facilitando a puxada.

MESTRE CAMBUCI E SUA “COMPANHA”:

Estratégias para o “inverno” e “verão”

Durante o transcorrer de dois anos e meio pude acompanhar as “pescarias” de Cambuci. Neste período, foi possível observar as estratégias escolhidas por ele através de seu saber sobre a pesca “em Itaipu”, articulando assim, os ciclos apresentados pelo mar (“inverno” e “verão”), com artes de pesca mais apropriadas para obter “*um trocadinho a mais*” e com isto continuar e reproduzir (mesmo dizendo que não), por sua escolha, um modo de vida: ser pescador de Itaipu.

Nestes dois anos e meio a “companha” de Cambuci esteve formada por diferentes “companheiros”. Mas, basicamente, circularam nesta “companha” nove “companheiros”: Orlando, Suca, Jair, Walmir, Geraldino, Roni, Edinho, Aberlado, Manoel (Manéu Lagarto) e, por último, Cosminho, além de mais alguns “ajudantes” que sempre permaneceram em terra.

Atualmente é Cosminho quem exerce esta função. Ele é o primeiro que observei que Cambuci considera como “ponta de cabo” fazendo assim parte da “companha”. O que significa um reconhecimento de Cambuci a seu esforço e habilidade na condução dos processos ocorridos em terra, além de ter uma diferença significativa na hora da partilha (que normalmente ocorre aos domingos) e do prestígio de ser um “companheiro”.

Cambuci realiza repartição dos “ganhos” através de um sistema de partilha³³, onde a “pescaria” recebe 3 partes do todo e os “companheiros” 1 parte cada. No caso da

³³Cambuci calcula todos os “ganhos” de uma semana e divide pelo número de companheiros mais as três partes da “pescaria”. Até o começo de 2002, Cambuci usava um sistema de porcentagem, que nunca entendi.

“pescaria” de Cambuci, os “ajudantes” fixos, que não são considerados “ponta de cabo” e, portanto, não são “companheiros”, recebem uma quantia menor do que os “companheiros”. Cambuci recebe, então, 4 partes dos “ganhos” de sua pescaria, 3 partes como dono da “pescaria” e 1 parte enquanto “companheiro”.

Este sistema é observado tanto no “verão” quanto no “inverno”, sendo que, nesta última época, Cambuci junta os ganhos da “rede de espera” com o “lanço à sorte” e divide entre a “companha” obedecendo, assim, o sistema já descrito.

Quando comecei meu trabalho de campo, o pescador Geraldino não fazia parte da “companha”. Em setembro de 2001, ele substituiu Roni que, segundo Cambuci, “arrumou um bico”, mas em dezembro observei Roni conversar com Cambuci sobre sua volta. Manoel, assim como Geraldino, além da pesca, também trabalha fora, como porteiro, mas diferentemente de Geraldino que pesca todo dia, pesca somente em seus dias de folga. Atualmente, Geraldino não está mais na “companha” e Roni voltou.

Embora tenha incluído Manéu Lagarto nos pescadores que circulam na “companha” de Cambuci, ele não faz parte da “companha”. Ele tem um emprego fixo e por isso não pesca frequentemente, mas Cambuci o considera como um dos pescadores que tem conhecimento, assim participa das pescarias de Cambuci, embora não entre na partilha.

Como já afirmei anteriormente, Cambuci, juntamente com sua “Companha”, pesca de “arrastão” e de “malha” durante o “inverno”. A pesca de “rede de espera”, nesta época do ano, é para Cambuci uma alternativa para poder manter os “ganhos” da “companha”. Ele argumenta que a pesca neste período é muito difícil e ele tem que ir para a “malha” porque tem uma “companha” inteira que depende disso: *“esse pessoal é*

muito necessitado, qualquer trocadinho já vale". Ele ainda afirma em relação às condições do mar e à necessidade de pescar: *"a gente tem que se arriscar, vai fazer o quê, não lanciei hoje, vou botar uma rede [rede de espera] n'água"*.

Observei várias estratégias que Cambuci adota para trabalhar com estas duas "pescarias", de acordo com seus prognósticos. Já o presenciei pescando somente de "rede de espera" durante alguns dias, pescando somente de "lanço à sorte" (o que é mais raro), e utilizando as duas formas de "pescaria", o que eleva muito o esforço da "companha" e, principalmente, de Cambuci, que participa e comanda todas estas atividades.

Nesta última forma, que é a mais comum, a "companha" se reúne bem cedo, por volta das 3:00h, para fazer um "lanço", ou até dois. Dependendo do resultado, Cambuci com mais alguns "companheiros", vão "cobrar" a rede e/ou botar outra e/ou mudá-la de lugar.

Contando que dois lanços podem levar até três horas, mais o tempo de encalhar a canoa e equipá-la para a "malha", o que fica por volta de uma hora; depois Cambuci sai com a "companha" reduzida (normalmente mais dois além dele) para cobrar a rede e volta com os peixes, o que leva normalmente de uma a duas horas. Todo este procedimento gira em torno de seis horas, em atividade contínua e, como sempre notei, apressada, já que ainda tem todos os procedimentos após a pesca, que são extremamente necessários para manter o funcionamento das pescarias.

No dia que Cambuci pesca de "malha", a "companha" desencalha a canoa depois do sol nascer, por volta das 5:00h/6:00h, e quando somente é realizada a pesca "de lanço" a saída se mantém por volta das 3:00h da manhã³⁴, podendo haver mais de um "lanço".

³⁴ Manhã aqui pode ser entendida como uma categoria, por que é uma representação sobre o tempo, isto é exemplificado quando em uma das minhas primeiras idas a praia de Itaipu, indaguei a Cambuci se ia fazer

Para pescar com a rede de “malha” Cambuci pode usar uma das suas canoas, dependendo da quantidade de “panos de rede” que for botar na água, mas, normalmente, ele usa uma “*canoa de pequeno porte*” (são quatro as canoas: Catuaba, Conceição, Nortina, Sol Azul), onde coloca um motor de popa de 9 cv, que parece ser feito sobre medida. Este motor fica em um suporte com rodas dentro do barracão/casa, e é usado somente para a pesca com “rede de malha”.

Enquanto os outros companheiros vão preparando a canoa (limpam e embarcam os materiais necessários), Cambuci pega o motor e instala na canoa. É interessante dizer que neste momento somente Cambuci mexe no motor, desde a hora de pegá-lo no barracão, fixá-lo na canoa, abastecê-lo, até o momento em que, antes de desencalhar a canoa, ele levanta o motor, girando-o sobre seu próprio eixo e prendendo-o com uma corda. Neste momento, a hierarquia aparece novamente, pois tendo Cambuci o conhecimento dos procedimentos técnicos necessários para instalação, não permite que ninguém manipule o motor.

Logo, durante o “inverno” a “companha” de Cambuci não apresenta um esvaziamento como a praia de Itaipu, porque, com ele articulando duas pescarias ao mesmo tempo, ele necessita de todos os companheiros para poder realizar todas as operações, tanto em terra quanto no mar. Mas isto não quer dizer que as “pescarias” desta “companha” apresentem ganhos tão significativos quanto no “verão”. Quero ressaltar também que estou falando somente do número dos companheiros, já que, durante o inverno, para os “lanços” de Cambuci não há tantos “puxadores”.

outro “lanço” e se ia ser novamente na madrugada. Cambuci então disse que não, que ele não pescava de madrugada e sim de manhã cedo. Ainda sem perceber, perguntei a que horas seria para eu poder ajudar na puxada, foi aí que ele disse: “*Às três da manhã*”.

“AMARRANDO” AS IDÉIAS:

O “sumiço da tainha” e as redefinições de tempo e artes de pesca.

“Como já se viu, o cotidiano da pesca em Itaipu compreende várias atividades e grupos de pesca. Tais atividades são diferentes no ‘inverno’ e no ‘verão’, constituindo-se tais variações cíclicas em correspondentes alterações na morfologia social”. (Kant de Lima e Pereira, 1997:251)

Como descrevi, as “pescarias” de Itaipu continuam se articulando e se dividindo socialmente em/no “inverno” e “verão”. Os pescadores continuam ali, pescando todos os dias, mesmo que os resultados finais (financeiros) não sejam tão expressivos para as respectivas artes de pesca descritas e suas respectivas épocas de predomínio.

A questão central desta monografia está apresentada desde seu título, que é o fim da pesca da tainha e seu impacto para a vida dos pescadores de Itaipu e para a organização social local, tendo Cambuci como principal interlocutor.

O “cerco” da tainha, como Kant de Lima analisou, era um tipo de pesca e um momento ritualístico em que os valores eram reafirmados e as hierarquias maximizadas. Isto porque esta “pescaria” concentrava espacialmente as “companhas” e por causa de sua relativa maior previsibilidade em relação ao “lanço à sorte”.

O fim da época da tainha ocasionou uma reorganização na pesca, baseada na inversão da importância de “inverno” e “verão” para as “companhas de arrasto” da praia de Itaipu.

A “pesca da tainha” e o “inverno” (estas duas categorias são estritamente ligadas e uma é geradora da outra) eram primordialmente o momento de reificação de identidade do grupo, que não era homogêneo, tendo em vista as “pescarias” de “canoas pequenas”.

O “inverno” era um elemento aglutinador para toda a praia de Itaipu, reafirmando assim a identidade do grupo, que era justamente a “pescaria de cerco”, não somente para quem a praticava, mas de uma certa maneira definindo a identidade do grupo em geral.

Por outro lado, o “verão” causava um movimento inverso, sendo o “lanço à sorte” praticado pelas “companhas” de “canoa grande”. Neste período, as “companhas” estavam organizadas em um sistema de “direito à vez” distinto do que era no “inverno”. Isto porque as “companhas” não competiam diretamente pelo mesmo espaço, pescando pela ordem da vez uma após outra, e se “espalhando” por toda a praia de Itaipu em seus espaços definidos, não havendo, assim, uma competição direta pelo produto final.

A partir disto, a reflexão que quero trazer é tentar entender que a época da tainha, “inverno”, constituiu-se enquanto um ritual porque estava em oposição a uma outra época que era caracterizada pela incerteza e dispersão, o “verão”.

Antes de continuar, quero relembrar que mesmo com o fim da “pescaria” da tainha, os pescadores de Itaipu continuam apreendendo o ano desta mesma maneira, como uma dualidade cíclica que tem em cada uma de suas partes características diferentes.

Assim, com o fim da tainha, o “inverno” se transformou de um momento aglutinador e de alta previsibilidade, para um momento de dispersão e de lamentações sobre um tempo passado, tanto por sua eficácia de coesão do grupo, quanto pelo período

de fartura. Atualmente “o inverno” torna-se, para as “companhas”, um período de escassez da pesca e logo financeira, enfim uma época de dificuldades.

Por outro lado o “verão” atualmente, em oposição à situação atual no “inverno”, reúne os pescadores pelo sentimento de esperança por uma época de “pescaria” melhor. Desta maneira, o “grupo”³⁵ mantém uma relação estreita com o espaço da praia e seu tempo, tendo em vista o conhecimento pelos ciclos marinhos, pela entrada dos peixes e pelo “direito à vez”. Toda esta relação pode ser considerada como o saber local destes pescadores (Geertz, 1999).

Assim, podemos ver esta inversão de importância para pesca “de arrasto” em Itaipu, onde de maneira redefinida, o “verão” passa a ser a época próspera quando as esperanças se renovam e o “inverno” um período de lamentações e nostalgia que remonta a uma época passada. Esta nostalgia por uma experiência passada vivida é uma evocação por uma tradição que também se torna um elemento identitário do grupo. Neste sentido, embora invertidas, estas épocas cíclicas continuam sendo entendidas uma em oposição à outra.

Uma questão, no entanto, pareceu-me estar em aberto. Atualmente, as “companhas” de Itaipu não articulam mais diferentes artes de pesca para estas diferentes épocas do ano, como era feito com o “cerco com vigia” na época da tainha, “inverno”, em oposição ao “lanço à sorte”, no “verão”.

Cambuci é quem apresenta uma “solução” para esta questão. Como descrevi ao longo do texto, ele e sua “companha” trabalham com dois tipos de pescaria. A “rede de

³⁵Atualmente, são poucos os pescadores que são reconhecidos pelo seu conhecimento (saber *naturalístico*). Cambuci é um deles, sendo também considerado por muitos, como o que detém mais este saber. Cambuci afirma, em relação à falta de conhecimento da maioria dos pescadores: “*este aí todos são cegos, tudo cego!*”.

espera” durante o “inverno” e o “lanço à sorte” durante o “verão”. Ele mesmo observa estes momentos como opostos, quando em sua observação coloca o “inverno” como sendo um período de dificuldades, em que ele, juntamente com sua “companha”, parte para a pescaria de “rede de espera” para garantir um *trocadinho* e, no “verão”, a esperança de “ganhos” melhores com a “pescaria” de “lanço à sorte”.

Desta maneira, estas “pescarias” remontam o caráter de dispersão e coesão para as diferentes artes de pesca como a “rede de espera”, a pescaria “nova”, que é somente realizada no mar e não se articula socialmente com o espaço da terra, ocasionando a dispersão; e o “lanço à sorte”, uma “pescaria” considerada mais “tradicional” em Itaipu, em que a relação entre terra e mar reaparece com as “puxadas”, quando acontece a coesão do grupo. No entanto, esta coesão não acontece mais em torno de uma “pescaria” específica como o “cerco da tainha”.

Talvez, isto se configure em um dos motivos para que Cambuci seja o “pescador de Itaipu” com mais prestígio na praia, além de ser o mais antigo e o único a manter um barracão em frente à praia, desde o falecimento de Zequinha, o então pescador mais antigo de “Itaipu”. É um pescador que, em relação aos outros, tem um privilégio financeiro, é reconhecidamente o que possui mais “conhecimento” (saber “naturalístico”) e o que conseguiu, na minha visão, melhor se adaptar ao “sumiço da tainha”.

Espero, com isso, ter atingido meu objetivo final que era o de criar uma imagem da praia de Itaipu, através de uma articulação com um momento passado etnografado, e também comentado por meus interlocutores, com um momento atual (pelo menos até o fim do trabalho de campo). Desta forma, apresento como os “pescadores de Itaipu”, mesmo com o “sumiço da tainha”, continuam sendo “pescadores de Itaipu”. Da mesma

maneira, espero ter descrito Cambuci adaptando-se a uma nova realidade que foi lhe aparecendo, redefinindo e reestruturando seu saber local (Geertz, 1999), para, com isso, continuar sendo a única coisa que ele é e foi a vida inteira, assim como seu pai, Caboclo: “pescador de Itaipu”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PROJETO. *Resex – Itaipu/Itacoatiara/Piratininga.* Niterói, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo.* Brasília. Paralelo 15. São Paulo: UNESP, 2000.

FLUSSER, Vilém. *Fenomenologia do Brasileiro.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

GEERTZ, Clifford. *O saber local.* Petrópolis: 2ª edição. Editora Vozes, 1999.

KANT DE LIMA, Roberto, **PEREIRA,** Luciana F. *Pescadores de Itaipu: Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro.* Niterói: EDUFF, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental.* São Paulo: 2ª edição Abril Cultural; Coleção Os Pensadores, 1984.

MELLO, Marco Antonio da Silva. *Praia de Zacarias: contribuição à Etnografia e História Ambiental do Litoral Fluminense – Marica/RJ.* Tese apresentada a Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor, 1995.

PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. *Os Companheiros Trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu.* Niterói. EDUFF, 2003.

SARAIVA, Joana Martins. *Saber Pescar, Saber Trabalhar: Uma discussão sobre a identidade social dos pescadores de rede de arrastão na praia de Piratininga .* Monografia apresentada ao Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, 2004.

ANEXO

ENSAIO DE ANTROPOLOGIA VISUAL:

“Lanços” de um dia de “verão”

Meu primeiro contato com a Antropologia Visual foi em julho de 2001 no XVIII Encontro Nacional dos Estudantes de Ciências Sociais (ENECS), realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Neste encontro, participei de um mini-curso de Antropologia Visual com o professor Renato Athias. O produto final deste mini-curso foi um curta-metragem, pensado e filmado por mim e a aluna Maria Achè da PUC-RJ, intitulado “Encontros”, que foi feito com atores e mostrava as formas de sociabilidade no ENECS. Este curta-metragem foi apresentado no encerramento do encontro.

No primeiro semestre de 2003, cursei a disciplina Antropologia Visual, oferecida pelo departamento de Antropologia deste curso, lecionada pela professora Tânia Neiva. Durante a disciplina tive a oportunidade de me aprofundar nas questões envolvendo imagem e antropologia.

A principal discussão do curso girava, basicamente, em torno da possibilidade de se realizar uma etnografia através da imagem, ou seja, produzir um conhecimento usando, para isso, somente a imagem e no máximo legendas. Para mim, a possibilidade de se alcançar este objetivo com uma filmagem era plausível, mas a idéia de se trabalhar com a fotografia me causou um estranhamento (para não fugir da sina dos antropólogos).

Os antropólogos vêm trabalhando com fotos, em termos ilustrativos, há muito tempo. Um exemplo disto; são as fotos de Malinowski nas Ilhas Trobriand, que apenas servem como ilustração de sua etnografia, quero dizer, elas estão remetidas ao texto para

exemplificar um fato, um objeto, um local, pessoas e seus afazeres. Estas fotos não tentam, por si só, exprimir uma idéia.

Há, ainda, uma outra forma de se trabalhar com o registro fotográfico. Como o professor Kant de Lima sempre ressaltou, as imagens obtidas junto a um determinado grupo podem servir como uma fonte de informação importante. Quando o antropólogo registra um momento etnográfico, ele captura uma imagem que pode ter diversos significados. Um destes é extremamente peculiar: o olhar dos próprios interlocutores que, ao olharem as fotos, remetem-se ao tempo e situação desta fotografia, trazendo, diversas vezes, elementos explicativos ou informações que o antropólogo, com o seu olhar, não pode perceber ou atribuir significado.

A distinção em usar a fotografia enquanto forma ilustrativa ou meio de produzir uma etnografia me intrigou bastante. Até então só havia pensado em usar o registro fotográfico como ilustração, forma mais comum na maioria das produções acadêmicas. Comecei, então, a apreender algumas formas desta “retórica imagética” (que usa a fotografia como meio), já que a produção de uma etnografia apenas com imagens precisa minimamente de uma linguagem própria, logo, uma metodologia específica.

Minha primeira experiência nesta forma de linguagem foi o trabalho final para a disciplina citada acima, em que acompanhei um campeonato de escalada fazendo seu registro fotográfico. Neste caso, já tinha um recorte de alguns aspectos que queria abordar e transmitir, já que participei anteriormente de alguns campeonatos e tinha algumas reflexões a respeito dos mesmos. Isto, para mim, é uma diferença vital para o registro fotográfico que se pretende “auto-explicativo”.

Assim, a idéia de fazer este ensaio surgiu depois que registrei fotograficamente um “lanço à sorte”, realizado por Cambuci e sua “companha” em Janeiro de 2004. Durante meu trabalho de campo, incorri no grande erro de não fazer um registro fotográfico, o que impossibilitou de usar a fotografia para apresentar aos meus interlocutores (forma de metodologia que descrevi acima). Desta maneira, posso ter perdido informações novas e relevantes, e também deixado de realizar o registro de diferentes espaços, “pescarias”, canoas e atores.

Entretanto, graças ao recurso da câmera digital, foi possível, em apenas um dia, obter mais de 200 fotos de dois “lanços” realizados pela “companha” de Cambuci. Desta maneira, tinha um bom material fotográfico quantitativamente, mas, não era de todo representativo, uma vez que não tinha o registro de outras “companhas”, outros tipos de “pescarias” e, mesmo considerando Cambuci como um “filtro” e tema de minha monografia, tinha apenas fotografias de um dia da “pescaria” de “lanço à sorte” que é realizado no “verão”.

Assim, decidi organizar as fotos na forma deste ensaio, em que tento descrever, através da imagem, os procedimentos adotados para a realização do “lanço à sorte” em um dia no “verão”. Como já tinha muitos dados antes do registro fotográfico, pude ir a campo com uma idéia dos momentos importantes dos acontecimentos, o que facilitou o registro dos mesmos. Levando em consideração, da mesma maneira, que o ambiente não me era mais estranho, assim como minha presença no local.

Tentei assim, registrar expressões faciais e corporais, procedimentos técnicos com os apetrechos de pesca, movimentações dos puxadores, “companha”, “pombeiro¹” e as relações entre os atores. Usando para tanto, closes (em que se pode perceber as

¹Atravessador local que revende o peixe pelas redondezas, indo de casa em casa.

expressões dos atores) e panorâmicas (para demonstrar a relação dos mesmos, bem como a técnica para o deslocamento da canoa e da “companha”).

Considero o recorte deste ensaio ideal para realizar um exercício “etnofotográfico”, tendo em vista, que não usarei texto escrito para fazer a descrição imagética por ser realizado em um curto espaço de tempo e num determinado dia.

O ensaio, desta forma, está baseado em uma sucessão de sobreposições de fotografias, que tentam dar dinamismo e trazer uma espécie de linguagem para que as imagens possam se tornar inteligíveis. O começo do registro fotográfico é feito por volta das 3:00h e se estende até as 9:00h. Neste intervalo são realizados dois “lanços”. Em termos fotográficos, é interessante notar a mudança da luz que ajudam a mostrar o aspecto cronológico das imagens e das ações nelas refletidas.

Espero, desta forma, construir, invertendo a lógica da monografia, uma descrição através da imagem, realizando assim, mais do que um ensaio, um experimento “etnofotográfico”.

“Lanços” de um dia de “verão”





























